

## Liturgia da memória escolar<sup>1</sup>

### Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)<sup>2</sup>

#### Resumo

Toda escola tem histórias e toda história está cercada de memórias. Assim, as instituições escolares têm grande importância na construção social dessas memórias e revelam traços de tempos passados. Tempos e espaços dos quais as culturas escolares são preciosos e significativos testemunhos para a construção da sua própria história e para a constituição identitária de alunos e professores. No campo da História da Educação, há um empenho muito grande de organização de espaços museológicos para a preservação do patrimônio histórico-educativo, fundamental para a análise da historicidade de práticas escolares, através de distintos dispositivos que nos permitem narrar o cotidiano das escolas, revelar concepções educacionais e geracionais de um determinado tempo e lugar. O estudo analisa a implantação e a organização do acervo escolar do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS, o Memorial Do Deutscher Hilfsverein, criado em 5 de junho de 2002. A necessidade de preservar e divulgar a história da mantenedora, a Associação Beneficente Educacional (ABE), fundada em 1858, e da Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins, escola para meninos criada em 1886, foi o mote de sua estruturação. O memorial é um espaço museológico, pedagógico e de pesquisa, que possibilita uma variedade de temas e objetos para analisar a trajetória de uma instituição de mais de 150 anos, configurando-se como um patrimônio cultural escolar exemplar e emblemático da história da educação da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Memória; Museu escolar; Cultura escolar; Pesquisa; Espaço pedagógico.

**María Helena Camara Bastos**

Doutora em Educação pela  
Universidade de São Paulo - USP  
mhbastos@puccrs.br

**Alice Rigoni Jacques**

Doutoranda em Educação pela  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul – PUC/RS  
alice\_rigoni@hotmail.com

#### Para citar este artigo:

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni. Liturgia da memória escolar - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 49-76 jan./jun. 2014.

**DOI: 10.5965/1984723815282014049**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723815282014049>

<sup>1</sup> O título é uma inspiração a partir da conferência de Carlota Boto, proferida no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: rituais, espaços e patrimônios escolares (Lisboa, julho de 2012).

<sup>2</sup> O presente artigo integra o projeto de pesquisa “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Entre memórias e histórias (1858-2008)”, CNPq/FAPERGS/PUCRS (2011-2015).

## Liturgy of school memory<sup>3</sup> Deutscher Hilfsverein Memorial to Colégio Farroupilha (2002)<sup>4</sup>

### Abstract

Every school has stories and every story is surrounded by memories. Thus, educational institutions have major importance in the social construction of memories and reveal traces of past times where school cultures are precious witnesses of a meaningful time and space to the construction of their own history and to the identity formation of students and teachers. In the field of History of Education there is a very large commitment of organizing museological areas, to preserve the historical and educational heritage, fundamental to the analysis of the historicity of school practices, through different devices that allow us to narrate the daily life of schools and reveal educational and generational conceptions of a particular time and place. The study analyzes the implementation and organization of Colégio Farroupilha school's historical patrimony, in Porto Alegre, state of Rio Grande do Sul, the Deutscher Hilfsverein Memorial, created in June 5, 2002. The need to preserve and disseminate the history of the school's sponsor, a non-profit-making educational association called Associação Beneficente e Educacional/ABE, founded in 1858, and of Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins, a boys-only school founded in 1886 - was the motto of the Memorial's structuring. The Memorial is a museological, pedagogical and research area, which provides a variety of themes and objects for the analysis of the institution's trajectory, which is more than 150 years old, figuring as an exemplary school and emblematic cultural heritage to the history of education in Porto Alegre city and in the state of Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Memory; School museum; School culture; Research; Pedagogical area.

---

<sup>3</sup> The title is an inspiration from the Carlota Boto lecture at the IX Luso-Brazilian Congress of History of Education: rituals, areas and school patrimony (Lisbon, July 2012).

<sup>4</sup> This article is part of the research project "Deutscher Hilfsverein to Colégio Farroupilha: Through Memories and stories (1858-2008)", CNPq/FAPERGS/PUCRS (2011-2015).

## Introdução

Os museus estão em movimento e já não são apenas casas que guardam marcas do passado, são territórios muito mais complexos, são práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com a criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. (NASCIMENTO; CHAGAS, 2006, p. 14)

Toda escola tem histórias e toda história está cercada de memórias. Assim, as instituições escolares apresentam grande importância na construção social dessas memórias e revelam traços de tempos passados. Tempos e espaços dos quais as culturas escolares são preciosos e significativos testemunhos para a construção da sua própria história e para a constituição identitária de alunos e professores.

São lugares de memória e de rememoração que buscam evitar o esquecimento, através da construção de laços de identidade. Assim, identidade e memória se tornam componentes essenciais da interação social e, por isso, não poderiam estar ausentes de espaços museológicos que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva, quer seja no presente, quer no passado<sup>5</sup>.

Carlota Boto (2012, p. 4) assinala que há gestos na escolarização que são inesquecíveis na liturgia da memória:

As crianças em fila, a organização dos corpos em classes seriadas, a construção dos horários para abrigar diferentes matérias e disciplinas do currículo, as interações do professor e dos alunos no espaço da sala de aula, as carteiras enfileiradas, o ponto registrado no quadro negro, tudo isso indica ações e andanças implicadas no que compreendemos por vida escolar.

No campo da História da Educação há um empenho muito grande de organização de espaços museológicos para preservar o patrimônio histórico-educativo, fundamental para a análise da historicidade de práticas escolares, através de distintos dispositivos, que

---

<sup>5</sup> Interessante mencionar os três volumes de *Tempos de Escola. Memórias*, organizados por Beatriz Daudt Fischer (2011; 2012), que professores e pesquisadores narram suas lembranças escolares.

nos permitem narrar o cotidiano das escolas, revelar concepções educacionais e geracionais de um determinado tempo e lugar.

Dessa forma, os museus constituem espaços ilustrativos de outras épocas, lugares de contemplação, que narram histórias de setores específicos da sociedade. São várias as acepções que se têm a respeito. De acordo com Circe Bittencourt (2008) os acervos devem constituir fontes de análise e de interpretação crítica, ou seja, o antigo “olhar de curiosidade” deve ser substituído pelo “olhar de indagação”, afinal, as peças despertam o imaginário (2008, p. 355).

O museu escolar e suas coleções devem dialogar com diversos tipos de público, oportunizando uma experiência que busca compreender a história como um processo. Portanto, seu objetivo não é ensinar história, tal qual um manual; sua função está em mostrar o processo histórico que os sujeitos vivenciaram, bem como ensinar a historicidade do mundo em que estamos inseridos. Os sujeitos e os objetos são pontos de partida para trabalharmos a história como problema. Para Ulpiano de Meneses (2011, p. 418), “um museu de história deve ser um museu de problemas e não de coisas históricas”. Essa percepção entende museu como espaço educativo e de pesquisa, da mesma forma que um laboratório de experiências.

Silva e Petry (2012) também destacam a importância que os museus devem despertar e expressar no cruzamento de olhares construídos no sentido de desvendar e descrever aspectos estéticos, materiais e formas que lhes dão concretude. O grande desafio dos museus escolares, explicam, é sistematizar as “expressões do fazer ordinário da escola”, sem apresentá-las como objetos estéreis, descontextualizados da vida escolar, mas ao mesmo tempo indagam: “Como fazer esse trabalho sem aprisionar os objetos dando espaço para que se avive a riqueza de práticas inscritas nessa materialidade?” (SILVA; PETRY, p. 21).

O presente estudo analisa a implantação e a organização do acervo escolar do Colégio Farroupilha, de Porto Alegre/RS. O Memorial *Deutscher Hilfsverein* foi criado em 5 de junho de 2002<sup>6</sup>, pela necessidade de preservar e divulgar a história da mantenedora, a

---

<sup>6</sup> Esse artigo se apoia em estudos anteriormente produzidos: Almeida, Jacques, Bastos (2008); Grimaldi

Associação Beneficente Educacional (ABE), fundada em 1858<sup>7</sup>, e da *Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins*, escola para meninos, criada em 1886<sup>8</sup>. Objetivo do colégio e do memorial é promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, pela integração dos diferentes agentes da produção do conhecimento.

Historicamente, a ABE se tem preocupado em preservar sua história e memórias. Quando das comemorações do sesquicentenário da imigração alemã no estado, encomendou ao historiador Leandro Telles, ex-aluno, a escrita dessa história, intitulada: *Do Deustscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha, de 1858 a 1974*. No prólogo da obra, o então presidente da ABE, Octavio Glycerio Fauth, afirma:

Essa história também mostrará aos pesquisadores e estudiosos o desenvolvimento de uma sociedade beneficente e de um estabelecimento de ensino, frutos da tendência gregária dos alemães e seus descendentes. [...] a história dos educandários é como a das pessoas: existem altos e baixos, vitórias e derrotas. Contudo, como já o afirmou um antigo Diretor, se a raiz for bem enxertada, a planta não perecerá. Isso se aplica inteiramente ao nosso Farroupilha, demonstrando que a casa não foi construída sobre areia, mas sobre rocha (FAUTH apud TELLES, 1974, p. 7).

Nos centenário do Colégio Farroupilha (1886-1986), outra obra é publicada, também com o aval da ABE, escrita por Carlos Hofmeister Filho, intitulada *Colégio Farroupilha: cem anos de pioneirismo (1986)*. Em 1999, ainda com o apoio da instituição, Doris Bittencourt Almeida (2013), então professora na escola e mestranda, escreveu a história de vida de Lia Mostardeiro, alfabetizadora durante cinquenta anos no colégio<sup>9</sup>.

Em 2013 pelo transcurso dos 150 anos da ABE, é publicada a obra *O passar dos tempos e a educação. A excelência na história do Colégio Farroupilha* (TELLES; MENEZES, 2012). Na apresentação, o presidente da associação, Fernando Carlos Becker, reafirma o papel da mantenedora como “a principal responsável por todas as decisões e projetos

---

(2012); Jacques & Grimaldi (2013).

<sup>7</sup> A ABE também mantém um acervo de sua história, o qual está sendo gradativamente incorporado ao memorial. Sobre a história da ABE e do colégio, ver Jacques (2013).

<sup>8</sup> Cabe assinalar que os integrantes da ABE, desde sua fundação, são nomes representativos da sociedade rio-grandense e porto-alegrense, da indústria e comércio, que fundaram várias instituições culturais e recreativas. Cf. Ganz (2004).

<sup>9</sup> Cf. Almeida (1999; 2013).

implantados na instituição”, e “que procura perpetuar valores e ideais de uma pujante história em prol da excelência educativa” (BECKER apud TELLES, MENEZES, 2012, p. 7).

Neste espírito, situa-se a criação do memorial, cuja denominação decorre do nome original da ABE em alemão - *Deutscher Hilfsverein* (Sociedade Beneficente Alemã). A expressão “memorial” foi uma escolha do presidente da mantenedora à época - Jorge Guilherme Bertschinger -, que entendia que o espaço deveria constituir-se em um “lugar de memória”<sup>10</sup>, resultado de uma organização planejada, com o objetivo de sacralização da instituição e dos sujeitos que a constituíram e continuam este processo. A Ata nº 517 da reunião do Conselho Escolar-Administrativo da ABE, de 10 de junho de 2002, registra a inauguração do memorial, com a exposição de fotos *Da Vida Contemplativa*, do ex-aluno Guilherme Werle.

Desde a fundação, o Memorial não se restringe apenas a “eventos”, tais como as tradicionais visitas de estudantes a arquivos e museus, nos quais os documentos são mostrados como curiosidades, ainda que sobre eles se lhes proporcionem longas explicações. Ele assume uma função mais ampla com o desenvolvimento de atividades multidisciplinares: espaço pedagógico, de pesquisa, exposição e museológico.

A equipe do memorial é assim constituída: coordenadora - Alice Rigoni Jacques; estagiário e bolsista - Lucas Costa Grimaldi (CIEE/CNPq); bolsistas de pesquisa - Milene Figueiredo (FAPERGS/PUCRS) e Gabriela Mathias de Castro (BPA/PUCRS). O memorial localiza-se à Rua Carlos Huber, 425, Bairro Três Figueiras (Porto Alegre/RS). Promove exposições temáticas e está permanentemente aberto à visitação pública.

---

<sup>10</sup> Na acepção de Pierre Nora (1984, p. XXIV), compreende: lugares materiais, em que a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, por que têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; lugares simbólicos, onde a memória coletiva se expressa e se revela.

## I. O Memorial como espaço museológico e de preservação

Canção do Memorial  
 Uniformes velhos já tiveram o brilho das roupas  
 de hoje  
 Máquinas de escrever já foram velozes  
 computadores  
 Alfaiates, chapeleiros, carpinteiros,  
 comerciantes,  
 Padeiros, sapateiros, professores imigrantes,  
 O antigo não é velho  
 E o novo não é tão novo assim para nós  
 Do futuro do passado  
 Tradição, não esqueça.  
 (Leandro Maia, junho 2003)

A Canção do Memorial, escrita pelo professor de Educação Musical do Colégio, expressa o que constitui o seu espaço museológico. Para organizá-lo, as professoras Alice Rigoni Jacques e Adenir Dreher da Silva começaram pela recolha de materiais e o tombamento do arquivo inativo. Os documentos foram separados, higienizados e restaurados, partindo para a catalogação, registro e arquivamento. Não começaram do nada, visto que, anteriormente, a professora Lia Mostardeiro já havia realizado parte da catalogação do imenso acervo fotográfico, por data e evento<sup>11</sup>.

Para essa primeira etapa de constituição do acervo, as professoras foram buscar informação junto a museus escolares nos municípios de Porto Alegre e São Leopoldo, respectivamente, Colégio Americano e Colégio Sinodal<sup>12</sup>.

Constituído o acervo, foi feita a inscrição do memorial no Sistema Estadual de Museus (SEM), pertencente à primeira região museológica do estado do Rio Grande do Sul, e no Sistema Federal (Ibram<sup>13</sup>). Este procedimento legal insere a instituição

<sup>11</sup> O acervo fotográfico conta com aproximadamente 4 mil imagens, desde as primeiras décadas do século XX. É importante destacar que a escola adota o registro anual das turmas, de alunos individualmente e dos eventos. Um exemplo é o livro sobre a professora Lia, que incluiu a foto das 50 turmas, com o nome de todos os alunos (ALMEIDA, 1999).

<sup>12</sup> Atualmente, há outros museus escolares em Porto Alegre: Colégio Sevigné (já organizado); Colégio Rainha do Brasil, Colégio Anchieta, Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha (em fase de estruturação). O Museu Júlio de Castilhos tem organizado exposições com temáticas da cultura escolar (“O Museu vai à Escola”, abril de 2002; “Ivo viu a uva”, setembro de 2010).

<sup>13</sup> Instituto Brasileiro de Museus.



anualmente na programação da “Semana Internacional dos Museus”, que ocorre no mês de maio. Outra participação oficial se dá no mês de setembro, no evento “Primavera dos Museus”, organizada pelo sistema federal, atualmente na oitava edição.

A ordenação e organização do acervo adotou um sistema de registro por letras e números, em cadernos e em pastas com as fichas - de doação e de tombamento. As fichas descrevem o material, facilitando sua localização nos armários e gavetas. As letras correspondem a todos os materiais escritos (Quadro 1). A numeração, de 1 a 1.899, corresponde aos demais materiais (Quadro 2). Para cada número, há uma diferente gradação em cores para identificar o objeto catalogado. Também foi adotado um caderno de registro de retirada de materiais, além de uma agenda de visitas.

Quadro 1 - catalogação do acervo por letras

LETRA	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
A	Revistas dos alunos	118
B	Revistas informativas	23
C	Jornais e boletins informativos	18
D	Revistas sem vínculos com a escola	13
E	Moedas, selos, cédulas monetárias	25
F	Cartões, cartas, bilhetes	37
G	Relatórios; contratos de compra e venda da escola	50
H	Convites: formaturas, confraternizações, festas escolares, homenagens	89
I	Flâmulas, distintivos, botons, etiquetas de cadernos, cartões postais, medalhas, troféus, placas	102
J	Plantas do prédio da escola	12
K	Hemeroteca (recortes de jornais)	300
L	Pastas variadas: livros de frequência, pastas de comemoração de datas significativas; relatórios de todas as gestões e setores da escola	76
M	Uniformes escolares desde 1929	98
N	Carimbos	15
O	Correspondências, regimentos escolares	21
P	Caixa com negativos de fotos	Reserva Técnica
Q	Cadernos escolares de aluno, desde 1895	263
R	Boletins escolares, históricos escolares, estatutos, marco referencial da escola	260
S	Documentos variados: certificados recebidos pela escola devido a algum destaque na área de esportes, concurso, homenagem	13
T	Partituras musicais	6
U	Jogos didáticos	10
V	Materiais doados	80
X	Urnas dos alunos da primeira série, organizadas quando plantam uma árvore no bosque da sede de Viamão, que será aberta na terceira série do ensino médio	2
Z	Álbuns da 2ª série sobre a história da escola e do bairro	06

Fonte: Caderno de Registros (2002); Memorial do Colégio Farroupilha.



Quadro 2 - Catalogação do acervo por números

NÚMEROS	DESCRIÇÃO	QUANTIDADES
1 - 99	Máquinas de gabinetes	11
100 - 199	Material de escritório	24
200 - 299	Máquinas fotográficas, projetores, filmadoras	18
300 - 399	Material de informática	12
400 - 499	Aparelhagem de telecomunicações; Pense Bem	14
500 - 599	Fotografias Álbuns com fotografias	4.000 40
600 - 699	Agendas escolares Diários de professores Cadernos de chamada	25 11 39
700 - 799	Materiais de artes, trabalhos manuais	15
800 - 899	Materiais do consultório médico	05
900 - 999	Materiais diversos (xícaras, copos com logotipo, etc.)	34
1.000 - 1.099	Livros	156
1.100 - 1.199	Livros didáticos	50
1.200 - 1.299	Livros em alemão	45
1.300 - 1.399	Aparelhagem do Laboratório de Física	04
1.400 - 1.499	Aparelhagem e instrumentos do Laboratório de Química	03
1.500 - 1.599	Aparelhagem e instrumentos do Laboratório de Biologia	06
1.600 - 1.699	Mobiliário	44
1.700 - 1.799	Materiais do laboratório de matemática	02
1.800 - 1.899	Slides	300

Fonte: Caderno de Registros (2002); Memorial do Colégio Farroupilha.

O processo de seleção e organização do acervo documental nos coloca algumas questões: o que foi selecionado para se cristalizar no tempo e sacralizar a instituição e os sujeitos? O que foi descartado?

Assim, é fundamental realizar a *biografia* do acervo, a gênese de sua constituição, pois ela define uma maneira de fazer e de ler a história. No processo de organização e de *leitura* dos guardados, devemos nos questionar a respeito da face a privilegiar: pública ou privada? (ABREU, 1996). Também Viñao Frago (2011, p. 51) alerta: “Toda a mudança de suportes e modos de conservar o conhecimento e transmiti-lo tem historicamente repercussões na memória social e individual, na herança cultural dos seres humanos [...]”. É possível considerar que a organização do acervo do memorial tenha partido dos documentos achados e localizados na escola e não de uma sistemática de busca ou doação.

O espaço físico pode ser analisado em três momentos históricos: 2002, 2011, 2013. Tais momentos evidenciam sua consolidação como espaço educativo e de pesquisa. Em

2002, ocupa uma pequena sala na entrada da escola, considerando-se a quantidade significativa de documentos que já conservava. A sala se dividia em dois ambientes: um, com armários, com o acervo documental; o outro, para exposições.

Figura 1 - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)



Fonte: Acervo do Memorial.

Quase dez anos depois, em abril de 2011, em decorrência da ampliação do acervo e de suas funções, aumenta o espaço físico, com mais duas salas. O espaço, reorganizado, estabelece uma divisão entre reserva técnica e “espaço expositório”, que incluiu também objetos usados na Escola Técnica de Comércio (1950-1973)<sup>14</sup>. Com isso, os objetos e o mobiliário escolar foram distribuídos, oportunizando a exposição de uma pequena sala de aula do primeiro ano do curso primário dos anos 1950.

---

<sup>14</sup> Cf. Pacheco (2013).

Figura 2 - Réplica da sala de aula do Curso Primário (2011)



Fonte: Acervo do Memorial.

Figura 3 - Sala de aula da 1ª série do Curso Primário (1952)



Fonte: Acervo do Memorial.

Figura 4 - Sala de aula da 1ª série do Curso Primário (1952)



Fonte: Acervo do Memorial.

Em 2013, em decorrência das reformas empreendidas pelo colégio, o memorial passa a ocupar novas instalações, projetadas especialmente para dar mais visibilidade às suas funções: museológicas, educacionais e de pesquisa.

O espaço possui uma área de 90m<sup>2</sup>; está dividido em três ambientes, por painéis que trazem os nomes dos alunos formandos que frequentaram a escola desde 1920; um espaço de trabalho, para a coordenação e os pesquisadores, com uma grande mesa, computadores, escâner e armário, contendo parte do acervo documental; outro ambiente apresenta uma réplica da sala de aula da década de 1950 e conta com quatro carteiras escolares, mesa da professora, quadro de giz, lousa, bancos escolares, cartilhas, cadernos de aluno, caneta-tinteiro, tinta, mata-borrão, estojo de lata para lápis de cor, globo; por fim, um espaço destinado ao atendimento das turmas de alunos.



Figura 5 - Planta do novo espaço do Memorial (2013)



Fonte: Acervo do Memorial.

Ao longo das paredes da sala, há armários e outros objetos da cultura escolar (orquestrola, coleção de discos de vinil, harmônio, relógios de parede, materiais pedagógicos e lúdicos utilizados nas aulas, almofadas para os alunos sentarem, quadro branco e projetor interativo).

Figura 6 - Novo espaço do Memorial (2013)



Fonte: Acervo do Memorial.

Figura 7 - Novo espaço do Memorial (2013)



Figura 8. Novo espaço do Memorial



Fonte: Acervo do Memorial.

Com a reformulação do espaço físico do memorial (2013), o acervo está sendo digitalizado para melhor utilização dos pesquisadores. Também está disponível no site da escola um tour virtual pelo espaço.

## 2. O memorial como espaço educativo e pedagógico

Desde a sua fundação, o memorial tem atuado sistematicamente como espaço educativo e pedagógico. As turmas do 3º ano do ensino médio foram as primeiras a visitar o local. A professora de língua portuguesa, Heidi Stampe, apresentou aos alunos uma proposta para a aula de redação: escrever um texto que revelasse as impressões e as emoções ao olhar para objetos e fotos que representam a história da ABE/1858 e do Colégio Farroupilha. Alguns trechos das redações dos alunos expressam sua finalidade educativa:

A emoção de entrar no Memorial e ver o que os alunos daquela época usavam de uniforme, como era as classes, é muito grande. Parece que fazemos uma viagem no tempo e nos colocamos no lugar daquelas pessoas. Gostaria que daqui há vários anos os novos alunos do Colégio Farroupilha possam sentir a mesma sensação e também vissem que eu fiz parte da história do Colégio. Gabriel Bouchet, 3º A.

Daqui a uns anos, quero voltar ao Memorial e sentir tudo de novo e ver as fotos do plantio, dos jogos, e ter aquele “friozinho na barriga” ao ver as fotos da formatura. Quero lembrar os amigos, as brincadeiras, os

professores. Será ótimo ver o que eu vivi neste Colégio, é parte de uma história, da minha própria. Luciana Thiesen 3º F.

Nesse espaço foi possível notar claramente a evolução do nosso Colégio, desde os uniformes até as classes, entre outros materiais usados. Laura R. 3º B.

Pode ser difícil imaginar nossos pais ou avós, hoje homens de negócios, médicos, empresários, vivendo como vivemos hoje. Certamente, os tempos mudaram, mas os dias que um aluno passa com seus colegas (ou até doze anos, como eu) são inesquecíveis, não importa se isso aconteceu na década de quarenta, ou daqui a dez anos. Paulo Girardi Ribeiro 3º B.

O memorial também se articula com a proposta pedagógica da escola. Para Jacques (2008):

O memorial é um apoio pedagógico ao professor. Talvez pela minha formação em Pedagogia e por ter trabalhado muitos anos na coordenação dos anos iniciais, tendo conhecimento do conteúdo que era desenvolvido, eu vi que poderia relacionar o trabalho do Memorial com o trabalho da sala de aula. Seria um auxílio, pois qual é o conhecimento que o nosso professor tem da história da escola? Muitos não têm nenhum, os mais novos... Então eu conheço a história da escola e posso servir como um meio pra facilitar o trabalho dos alunos e do professor. Eu fico feliz quando eu sei que o aluno sabe da história da sua escola. Por que o Farroupilha existe? Quais eram os ideais do passado? Por que era uma escola alemã? Qual foi o papel dos alemães no Rio Grande do Sul? (apud BASTOS, ALMEIDA, 2008, p. 07)

Aulas de história e de estudos sociais são programadas com temas previamente escolhidos por professores, ou alinhadas com a matriz curricular. A visita ao local é, muitas vezes, iniciada com uma conversa sobre as memórias de cada um de nós e as lembranças que trazemos de nossas famílias e de nossos antepassados.

A “Hora do Conto Histórico”, realizada no espaço do memorial, é uma atividade de *contação* de histórias infanto-juvenis, que trata do tema da história e da memória, levando os alunos a refletir sobre a importância de conhecer suas origens e preservar o passado. As histórias são projetadas com as imagens do livro.



Quadro 3 - Hora do Conto Histórico

Histórias	Ano/Série
A Colcha de Retalhos (Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro)	1º anos
O Diário de um Imigrante (Rita Bromberg Bruger/ex-aluna da escola)	2º anos
No tempo de meus bisavós (Nye Ribeiro)	2ª e 3ª anos
Guilherme Augusto Araújo Fernandes (Mem Fox)	4º anos
O Diário de Anne Frank (Josephine Poole)	5º anos

Fonte: Caderno de Registros do acervo do memorial (2002).

Também são oferecidas oficinas pedagógicas, como: “Conhecendo os Museus de Porto Alegre”, que tem por objetivo analisar a função e a importância dos museus como lugares de memória da sociedade e sua função social no contexto histórico; “A História da ABE e o Colégio Farroupilha em imagens”, que apresenta a história da escola, através de imagens iconográficas da cultura escolar, procurando estabelecer paralelos entre a escola de hoje e a de antigamente; “Porto Alegre ontem e hoje”, que foca a história da cidade, a formação do povo, aspectos econômicos, sociais e culturais<sup>15</sup>; “Circuito lúdico”, que consiste em atividades como quebra-cabeças, jogos de memória, jogos de tabuleiros, apresentando trilhas com informações sobre a história, jogos com dados e pinos.

Outra ação pedagógica é disponibilizar a inserção de documentos da própria instituição no trabalho em sala de aula ou, ainda, de projetos que envolvam a história da instituição e da comunidade escolar. Um exemplo é o projeto interdisciplinar, desenvolvido pela professora de história, Doris Almeida, que utilizou o periódico *O Clarim* (1945-1965)<sup>16</sup>, editado pelos alunos do ginásio, em suas aulas na 7ª e 8ª série, estimulando-os a produzir um “novo Clarim”<sup>17</sup>. Dessa forma, os acervos escolares constituem-se em locais e caminhos profícuos de trabalho para o pesquisador, para o professor e para a própria escola.

Como espaço pedagógico e de pesquisa, constituem lugares especiais de aprendizagem das diferentes disciplinas do currículo escolar. Documentos produzidos/acumulados pela instituição podem ser utilizados no ensino de História e de Geografia como fontes de estudo. Outros documentos - como programas de ensino,

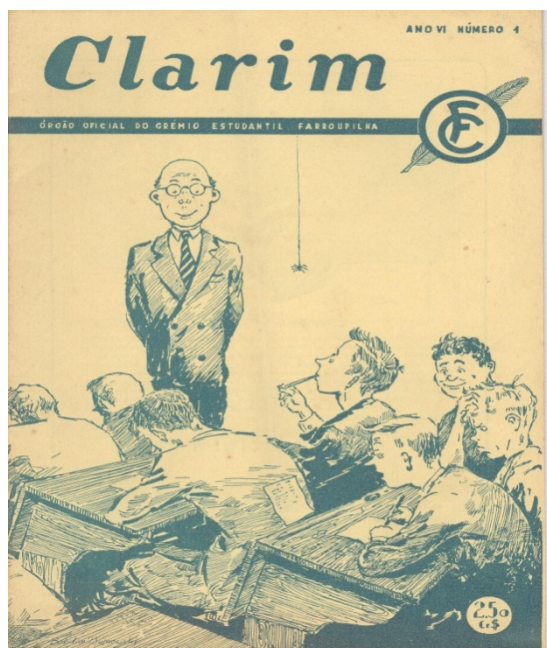
<sup>15</sup> Esta oficina estende-se em várias seções no memorial: os povos indígenas, a imigração alemã no Rio Grande do Sul e outros temas.

<sup>16</sup> Cf. Almeida & Lima (2013).

<sup>17</sup> Cf. Almeida (2009).

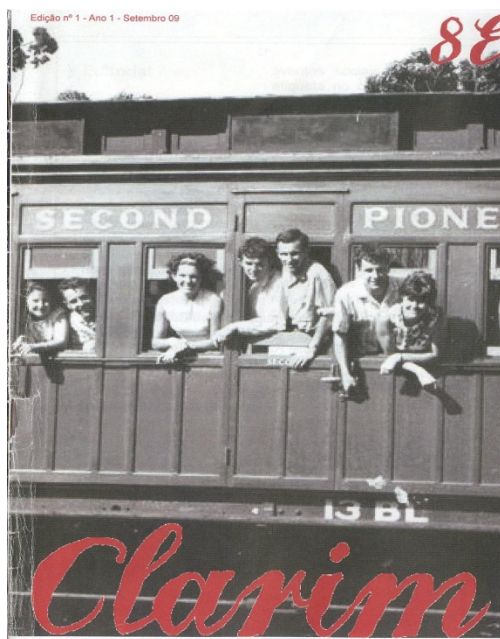
relatórios da instituição, planos de aula - também proporcionam valiosa reflexão sobre a atividade pedagógica desenvolvida na escola.

Figura 9 - Clarim, ano VI, nº 1 (1953)



Fonte: Acervo do Memorial.

Figura 10 - Projeto do Clarim Novo (2009)



Fonte: Acervo do Memorial.

Ao longo de seus 11 anos, o memorial ampliou suas finalidades, sendo um atrativo para múltiplas atividades. Recentemente, o setor de Recursos Humanos do colégio o incluiu como espaço de acolhimento e capacitação aos novos professores e colaboradores, com o objetivo de apresentar a história da mantenedora e da escola. Também é proporcionada aos pais essa atividade, especialmente no momento de matrícula inicial na escola. Nos encontros anuais de ex-alunos, a visita ao memorial faz parte da programação, o que tem estimulado a doação de materiais e o registro de depoimentos do seu tempo de escola.

Quadro 4 - Materiais doados

Doações	Público
Uniformes	Ex-alunos
Cadernos do Curso Primário	Ex-aluno do Velho Casarão
Aparelho telefônico	Aluno dos Anos Iniciais
Máquina de calcular	Presidente da ABE
Livros didáticos	Ex-aluna
Fotografias	Ex-alunos e ex-professoras
Sineta de prata utilizada nas reuniões da ABE	Ex-presidente da ABE
Flâmulas do colégio	Ex-aluno
Boletins Escolares	Ex-alunos
Cadernetas escolares	Ex-alunos
Trabalhos escolares	Ex-alunos
Álbum de fotografias	Ex-aluno
Vidro de tinteiro	Ex-aluna
Revista do Ensino	Biblioteca da escola
Revista Cacique	Biblioteca da escola
Revista Sesinho	Biblioteca da escola
Revista do Globo	Biblioteca da escola
Revista Manchete	Professora da escola
Álbuns de cartões postais	Leandro Telles
Aparelhos de audiovisual	Setor de audiovisual da escola
Máquinas de escrever <sup>18</sup>	Ex-alunos
Microscópios	Laboratório de Biologia da escola

Fonte: Cadernos de registros do acervo do Memorial (2002).

Além das atividades realizadas já descritas, o memorial recebe pesquisadores de outros estados, alunos de graduação, pós-graduação e interessados em conhecer e/ou pesquisar o acervo museológico. É, ainda, um espaço privilegiado para as aulas de História da Educação ministradas nos cursos de Pedagogia.

Quadro 5 - Número de visitantes do Memorial (2002-2013)<sup>19</sup>

Visitantes	Número
Alunos Colégio Farroupilha	1.887
Estudantes de outras instituições de ensino	427
Professores Colégio Farroupilha	65
Familiares	138
Ex-alunos	202
Outros	529
<b>Total</b>	<b>3.248</b>

Fonte: Caderno de registros do Memorial (2002).

<sup>18</sup> Algumas máquinas de escrever pertenceram à sala de Mecanografia que existia na escola.

<sup>19</sup> Dados obtidos a partir do exame do livro de visitas do memorial. A tabulação não inclui os anos de 2010 e 2011, pois não constam no inventário das assinaturas.

Entre as múltiplas atividades do memorial, está a participação ativa em festas escolares e comemorações de datas cívicas do calendário oficial e escolar. Também organiza exposições temáticas e temporárias, vinculadas ou não à história da instituição, tendo já realizado mais de cem. Os temas que envolvem a imigração alemã e italiana são os mais recorrentes, com gincanas culturais organizadas pelas professoras.

Outro cruzamento realizado com a sala de aula é o evento da Ciranda de Ideias, durante o qual os alunos e seus familiares visitam o espaço do memorial e organizam uma exposição de trabalhos produzidos em aula, com objetos que remetem às suas histórias de vida.

O memorial, como exposto, desenvolve uma ação educativa permanente, dinâmica e sistemática, atendendo ao que Payne (1980) reconhece como “o verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial em programas positivos e realistas” (apud BELLOTTO, 2000, p. 161). O desafio é constantemente renovar suas ações e práticas educativas.

### 3. Memorial como espaço de pesquisa

Para quem elege a História da Educação como campo de ensino e pesquisa, o memorial é um espaço de forte significado; afinal, lá estão documentos preciosos que nos permitem uma aproximação com as práticas escolares de outros tempos, documentos que muitas vezes não tinham como destino final a preservação (BASTOS, JACQUES, ALMEIDA, 2013, p. 9).

A organização, catalogação e preservação do acervo escolar e sua utilização como fonte de pesquisa para a compreensão do campo da História da Educação permitem que os documentos escolares deixem de ser algo confinado ao esquecimento, a depósitos insalubres:

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e,

mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere). (VIDAL, 2005, p. 24)

Desde 2008, o memorial está inserido no grupo de pesquisa “Entre Memórias e Histórias da escola do Rio Grande do Sul: Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858-2008)” (CNPq), que integra pesquisadores – professores, graduandos, mestrandos e doutorandos de diferentes instituições gaúchas –, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), o Colégio Farroupilha, com o apoio das instituições de fomento à pesquisa - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - 2011-2015) - e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs).

Durante esses anos, o grupo realizou várias pesquisas e vem refletindo acerca de diferentes aspectos dessa instituição de ensino. Também analisa a(s) cultura(s) ou o(s) elementos desse espaço educativo e escolar, descrevendo e problematizando seus atores, os aspectos organizativos e institucionais, as práticas pedagógicas, o entorno físico-material<sup>20</sup>, enfim, tudo aquilo que contribui para caracterizar a escola como instituição histórica. O amplo acervo do memorial permite analisar os rituais escolares a partir de documentos legais, manuais dedicados à formação de professores, compêndios escolares, periódicos de educação e ensino.

No ano de 2013, publicamos o primeiro livro *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Memórias e histórias (1858 – 2008)*<sup>21</sup>, reunindo algumas das pesquisas que se propuseram estudar os elementos da cultura escolar e da história do Colégio Farroupilha.

---

<sup>20</sup> O Velho Casarão foi a primeira sede própria do Colégio Farroupilha, inaugurada em 1895. Localizava-se na antiga Rua São Raphael, atual Av. Alberto Bins, centro de Porto Alegre. Funcionou neste local até 1962, quando foi transferido para o Bairro Três Figueiras. O edifício foi demolido; hoje, o espaço é ocupado pelo Hotel Plaza São Rafael. Os estudos feitos sobre esse espaço e a arquitetura escolar dependem atualmente de acervos fotográficos, plantas, croquis, entre outros documentos pertencentes ao memorial. Para mais informações sobre a antiga sede, ver Jacques e Ermel (2009, 2013).

<sup>21</sup> O associativismo entre alemães e descendentes no Rio Grande do Sul; A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha; O Memorial *Do Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha: espaço de educação e pesquisa; O Velho Casarão: um estudo sobre o *Knabenschule des Deutsches Hilfsverein/Colégio Farroupilha (1895–1962)*; O *Kindergarten do Deutscher Hilfsverein (1911-1929)*; A Imprensa escolar do Colégio Alemão: *Das Band e Relatório Mensal do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha (1929 - 1939)*; Um caminho de pregnancies: os cinquenta anos de alfabetização da professora Lia

A pesquisa histórica se torna, muitas vezes, difícil e limitada, tanto pelo desconhecimento dos documentos disponíveis, quanto pela inadequada catalogação e conservação. Neste sentido, o *repertório* de documentos é um importante instrumento de trabalho para o pesquisador, pois inventaria determinado tipo de fonte de pesquisa e sinaliza onde encontrá-la. Para Nóvoa (1997, p. 14), a constituição de repertórios pode “favorecer uma dinâmica de renovação conceptual e metodológica em História da Educação”. E, como tão bem diz Monarcha (2008, p. 1), “abrevia o encontro entre pesquisador e documento ao disseminar o material empírico”. O repertório permite múltiplos campos de pesquisa, que incluem não somente a História da Educação, do ensino e da pedagogia, mas também o da cultura, da Igreja, da família ou da economia. É um significativo instrumento de trabalho, pela diversidade de informações que contém e pelas inúmeras pistas de reflexão, tanto aos historiadores, quanto aos sociólogos e todos os que se interessam pela educação e seu passado. Neste sentido, o grupo também se preocupa em constituir repertórios: do corpo docente (biografias, trajetórias profissionais, memórias); do corpo discente (prosopografia de turmas, memórias da escola); de presidentes da ABE, de diretores do curso primário e secundário do colégio; dos inspetores federais e estaduais que atuaram na escola primária e secundária; das diretorias do grêmio estudantil; dos impressos escolares, de alunos na escola ou fora dela<sup>22</sup>; dos impressos oficiais da escola.

Além disso, está em processo a digitalização do acervo fotográfico<sup>23</sup>, que remonta às primeiras décadas do século XX, tanto para sua melhor conservação e uso, quanto para avançar os estudos com imagens escolares, especialmente de festas, desfiles,

---

Mostardeiro (1945-1994); Memórias juvenis nas páginas de um periódico: *O Clarim* (1945-1965); *Cartilha, festa e escrita infantil*: álbuns e cartas dos alunos do curso primário (1948-1966); *Do carimbo à caneta vermelha*: marcas de correção em cadernos escolares (1948/1958); *Escola Técnica de Comércio Farroupilha (ETC/1949-1982)*; *Meu Diário*: escritas de si na escola primária (1951-1957); *Um retrato multicolorido da escola: os cadernos de uma aluna singular* (1953-1957); *À moda da escola: o uniforme feminino* (1950); *Lembrança em preto e branco: imagens de Primeira Comunhão* (1958-1969); *Territórios de professoras: currículo e práticas escolares nos registros de matéria* (BASTOS, JACQUES; ALMEIDA, 2013).

<sup>22</sup> É ilustrativo o periódico *Micuin* (1951-1958), do clube excursionista Serra do Mar, fundado por estudantes do ensino secundário do Colégio Farroupilha. Sobre, ver CASTRO (2013).

<sup>23</sup> Entendemos a fotografia como um registro abrangente e um dispositivo enunciativo do humano, das práticas socioculturais, constituindo um arquivo da vida escolar (SCHOLL & GRIMALDI, 2013).



competições esportivas, eventos. Cabe também assinalar a necessidade de se estudar os estúdios fotográficos, que, por décadas, tiveram a exclusividade de registrar o cotidiano escolar:

Quadro 6 - Estúdios fotográficos que prestavam serviços para a escola

Estúdio	Local
Photographia Azevedo Dutra	Rua dos Andradas
Photographo Plínio Venturini	-
Photographo Nicolao Marquis	Rua Dr. Flores, 32 A
Foto Nick	Vila IAPI
Studio Os Dois	Andradas
Studio Geremia	Caxias do Sul
Foto Colombo	Porto Alegre
Fotobaby	-
Studio Michel	-
Foto Abitante	Rua Cristovão Colombo, 1784
Studio Filippin	Rua Oswaldo Aranha

Fonte: Acervo fotográfico do Memorial (2002)

Outra frente de pesquisa é a constituição de um acervo de memória oral, com depoimentos de ex-alunos, ex-professores, ex-diretores e presidentes da mantenedora. Desde a sua criação, o memorial vem realizando a coleta destes depoimentos, contando, em seu acervo, 11 registros de história oral.

Quadro 7 - Entrevistas realizadas

Nome	Cargo
Jorge Guilherme Bertschinger	Ex-Presidente da ABE (1984-2010)
Vera Elisabeth Reimer Matte	Ex-Diretora do Curso Primário (1967-1988)
Perly Walther	Ex-aluna do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha (1940)
Renée Walther	Ex-aluna do Ginásio Farroupilha (1944)
Carlos Neujahr	Ex-aluno do Curso Primário e do Ginásio (1952)
Hedy Boelhouver	Ex-aluna do Ginásio Farroupilha (1950)
José Difini Neto	Ex-aluno da Escola Técnica e Comércio (1950)
Zilá Schmitz	Professora do Curso Primário do Velho Casarão (1958)
Ingrid Schulze	Ex-aluna (1956) e professora de Artes Visuais
Iron Goidanich	Ex-aluno do Ginásio e da Escola Técnica de Comércio (1952)
Daisy Goidanich	Ex-aluna da Escola Técnica de Comércio (1953)
Renate Lory Oderich	Ex-aluna do Ginásio e da Escola Técnica de Comércio (1955)
Luiz Carlos Petry	Ex-aluno do Colégio Farroupilha (Primário, Ginásio e Científico - 1951)



O memorial conserva o patrimônio cultural educativo e escolar da comunidade da ABE e do Colégio Farroupilha, material e imaterial<sup>24</sup>, possibilitando a riqueza enorme de estar em contato com seus documentos e materiais, originais e históricos. É uma tarefa que não se esgota, pois sua função é dar continuidade à vivência e à experiência de garimpar, decodificar e analisar documentos originais e outros objetos da história da instituição.

## Finalizando

Tudo que o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca pode e deve informar a seu respeito.

Marc Bloch (2001, p. 79)

A frase do historiador Marc Bloch expressa a amplitude e a inesgotável noção de documento, especialmente quando pensamos na pesquisa em História da Educação e, mais especialmente, do cenário escolar.

Para Carlota Boto (2013, p. 18), os museus escolares constituem fontes de preservação e de recuperação do patrimônio material das escolas, por meio do qual será possível reconstituir e identificar as liturgias da vida cotidiana. Assim, todos os utensílios são importantes: cadernos, fotografias, uniformes, livros de registro de notas, medalhas, canetas tinteiro, mata-borrões, máquinas de fotografia, mimeógrafos, gravadores, convites de formaturas, boletins, lousas, livros didáticos, carteiras... Referindo-se especificamente à institucionalização do Memorial do Colégio Farroupilha, evidencia que esse também mostra o engendramento de suas práticas de ensino e pesquisa.

Cabe ressaltar que os trabalhos em relação ao garimpo desses objetos concentraram esforços de todos os pesquisadores engajados no objetivo de promover,

---

<sup>24</sup> A noção de patrimônio imaterial, segundo a Unesco (2003, p. 2) se refere “aos usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhe são inerentes, que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (apud VIÑAO, 2011, p. 34).

cada vez mais, o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, por meio da integração dos diferentes agentes das práticas escolares na produção do conhecimento histórico. O envolvimento de alunos, professores, colaboradores e comunidade com a história da instituição escolar tem propiciado oportunidades de refletir sobre as relações entre memória e história. Nossa tarefa foi sensibilizá-los a respeito da importância do documento histórico, visando à sua preservação e incorporação ao patrimônio da escola, bem como à sua utilização na atividade educacional, na implementação de programas e projetos culturais e científicos voltados à melhoria das condições e qualidade do ensino.

Mergulhar no espaço de memória do Colégio Farroupilha implica o permanente diálogo do pesquisador (e de suas teorias) com as fontes documentais e materiais. Desse diálogo resulta a pesquisa histórica. Assim, os objetos e documentos que dormiam já não mais estão sós. Aos poucos, eles foram sendo despertados e ressignificados, voltando a viver.

Além da nostalgia e das lembranças que evocam, os museus escolares são territórios nos quais é o presente que questiona e nos faz interrogar, mas não só para sabermos viver o presente e prospectar o futuro, mas para servir de agentes de mudança para todos.

## Referências

ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal*. Memória, História e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ALMEIDA, Doris B. Um caminho de pregnancies: os cinquenta anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro (1945-1994). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 151-182.

ALMEIDA, Doris B.; LIMA, Valeska Alessandra de. Memórias juvenis nas páginas de um periódico: O Clarim (1945-1965). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 183-208.

ALMEIDA, Doris B.; LIMA, Valeska Alessandra de. Escritos de alunos: a revista "O Clarim". In: *XV Encontro Sul Rio Grandense de pesquisadores em História da Educação: Infâncias, Cultura escrita e História da Educação*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2009. CdRom. 15p.

ALMEIDA, Doris B.; *O Caminho das Letras: os cinquenta anos de alfabetização de Lia Mostardeiro*. Porto Alegre: Ed. ABE, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BECKER, Fernando Carlos. Apresentação. In: TELLES, Leandro e MENEZES, Naida. *O passar dos tempos e a educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha*. Porto Alegre, 2012. P. 7-9

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. *Ciências & Letras*. Porto Alegre, n. 27, jan./jun. 2000. p. 151-166.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. São Paulo: Autêntica, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da historia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOTO, Carlota Reis. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. In: *IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Rituais, espaços & patrimônios escolares. Lisboa, julho de 2012. mimeo, 32 p.

BOTO, Carlota Reis.. Prefácio. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 13-24.

CASTRO, Gabriela Mathias. *Micuim: o irreverente jornalzinho do Clube dos excursionistas da Serra do mar (1948-1958)*. In: *COLÓQUIO DE ENSINO MÉDIO, HISTÓRIA E CIDADANIA*, 8, Florianópolis/SC, 2013. Anais... Florianópolis: UDESC, 2013. Disponível em <[http://www.ensinomedio.faed.udesc.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=45&Itemid=33](http://www.ensinomedio.faed.udesc.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=33)>. Acesso em 20 out. 2013.

FISCHER, Beatriz Daudt (Org.) *Tempos de escola. Memórias*. v. 1 e v. 2. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2011.

FISCHER, Beatriz Daudt (Org.) *Tempos de escola. Memórias*. v. 3. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2012.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GRIMALDI, Lucas. Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: um lugar de memórias da escola (2002-2012). In: *ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 18, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: PUCRS, 2012.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. 1886-1996 Colégio Farroupilha: 100 anos de pioneirismo. Porto Alegre: Palotti, 1996. Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha. *O Farroupilha*. v. 22, n. 9 Jul./2002. p. 6-7.

JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 351-370.

JACQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas Costa. O Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: espaço de educação e pesquisa (2002). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 77-91.

JACQUES, Alice Rigoni; ERMEL, Tatiane de F. O Velho Casarão: um estudo sobre o “Knabenschule Des Deutsches Hilfsverein” (Colégio Farroupilha) em Porto Alegre (1895 – 1962). In: *ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 15, Caxias do Sul, 2009. Anais,,, Caxias do Sul: UCS, 2009, p.1-15.

JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.); ERMEL, Tatiane de F. O Velho Casarão: Um Estudo sobre o Knabensechule des Deutsches Hilfsverein/Colégio Farroupilha (1895-1962). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2013. p. 92-110.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Entrevista. 31 mar. 2011. Entrevistadoras: Luciana Quillet Heymann e Aline Lopes de Lacerda. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, dez. 2011, p. 405-41.

MAIA, Leandro. *Canção do memorial*. Porto Alegre; ABE, (2003).

MONARCHA, Carlos (Coord.). *Repertório de revistas de educação e ensino (São Paulo: 1892-1944)*. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq; São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, 2008. Relatório de Pesquisa.

NASCIMENTO JÚNIOR, J.; CHAGAS, Mário de Souza. Museu e política: apontamentos de uma cartografia. In: NASCIMENTO, Silvania Souza do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mario (Org.). *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Brasília: IPHAN, 2006. p. 13-17.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. IN Pierre NORA (Org.). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, [1984]; *La République*, v. 1 p.

NÓVOA, Antonio S. (Dir.). A imprensa de educação e de ensino. In: *Repertório Analítico (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

SILVA, Vera Lucia Gaspar e PETRY, Marília Gabriela (Orgs.) *Objetos de escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)*. Florianópolis: Insular, 2012.

SHOLL, Raphael Castanheira; GRIMALDI, Lucas Costa. Lembrança em preto e branco: imagens de Primeira Comunhão (1958-1969). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 351-370.

TELLES, Leandro. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974*. Porto Alegre: ABE, 1974.

TELLES, Leandro e MENEZES, Naida. *O passar dos tempos e a educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha*. Porto Alegre, 2012.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F.; VALDEMARIN, Vera T. (Orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 3-30.

VIÑAO Frago, Antonio. Memoria, Patrimonio y Educación. In: *História da Educação/ASPHE*, v. 15, n. 33, jan./abr. 2011. p. 31-62.

Recebido em: 03/02/2014  
Aprovado em: 25/05/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE  
Revista Linhas  
Volume 15 - Número 28 - Ano 2014  
revistalinhas@gmail.com